

# Desempenho deplorável

A Fundação Getúlio Vargas (FGV) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgaram nesta sexta-feira os dados relativos ao Produto Interno Bruto do País e sua variação per capita no ano passado. São informações estaremecedoras: pois indicam que o Brasil suportou, em 1990, a pior recessão — na verdade, uma depressão — desde que a FGV iniciou suas pesquisas nesta área, em 1947. O PIB teve uma queda de 4,26% e a renda per capita dos 150,7 milhões de brasileiros sofreu uma redução de 6,54%.

Os dados não são definitivos, pois baseiam-se em estimativas — inclusive em relação à população, uma vez que, por não se ter providenciado a devida alocação de recursos, não foi realizado o censo decenal de 1990. Dificilmente, contudo, as informações definitivas trarão alguma modificação importante às estatísticas que acabam de ser reveladas. Uma eventual correção para melhor da ordem de 0,3% na variação do PIB seria suficiente, por exemplo, para fazer com que a queda registrada no ano passado deixasse de ser a pior da história, cedendo o nada glamuroso recorde para 1981. Do ponto de vista substantivo, evidentemente, a situação do País não melhoraria em nada.

A história econômica do Brasil registra poucos momentos depressivos, o que contribui para aumentar o impacto da crise atual. Houve a grande crise mundial de 29, que atingiu o País com intensidade no ano seguinte. O Brasil de então era uma nação arcaica, essencialmente rural e com uma estrutura política que somente com enorme condescendência se poderia chamar democrática.

A partir de então, e até o início da década passada, vivemos um processo de expansão ininterrupta, ainda que débil em alguns anos, como 1963, quando a evolução do PIB (0,6%) não foi suficiente para impedir que a variação per capita fosse de -2,2%.

Os motivos para alarme surgem quando se constata que a retração do PIB durante o ano passado, além de ser grande, é a terceira em dez anos e que, em termos per capita, é a quinta. Ou seja, em cinco dos últimos dez anos, a renda da população brasileira diminuiu e as variações negativas foram mais acentuadas que as positivas. Os brasileiros não “perderam” uma década. Eles recuaram durante uma década, enquanto o mundo como um todo, em particular os países desenvolvidos e a maioria dos chamados Recentemente Industrializados, avançou. A dura realidade é que hoje estamos de fato mais pobres que ao final dos anos 70.

Foi precisamente na década de 70, com destaque para sua primeira metade, que o Brasil apresentou os grandes avanços em sua produção interna, o que pode despertar certa nostalgia a quem, equivocadamente, se dispuser a desconsiderar o fato de que vivia-se um período autoritário e que parte desta expansão foi financiada através do endividamento externo, que se revelaria uma das causas da crise atual. Poder-se-ia contrapor que, durante o período desenvolvimentista, do qual Brasília é um dos maiores legados, as taxas também foram altas, com o País vivendo em liberdade. A questão, entretanto, não é voltar-se melancolicamente para o passado, mas encarar com determinação o futuro.